

A SABEDORIA DE ULISSES E AS DIMENSÕES FORMATIVAS DO PROFESSOR DE FILOSOFIA

THE WISDOM OF ULYSSES AND THE FORMATIVE DIMENSIONS OF THE PHILOSOPHY TEACHER

Angela Zamora Cilento¹

Resumo:

Os estudos sobre a filosofia decolonial em muitos momentos se encontram com a antropologia. Para as antigas civilizações o mundo é dotado de sentido e repleto de intervenções divinas. Em certo sentido, ao retomarmos a Grécia homérica, podemos ser inspirados por uma visão de mundo e de ensinamentos que tratam da fragilidade de nossa condição humana e da nossa luta diária, mas acima de tudo na ideia de educar pelo exemplo que nos permitem aproximações e transposições com o tempo presente. Destarte, é na figura de Ulisses e sua sabedoria que centraremos nossos esforços para considerarmos as dimensões formativas do professor de filosofia e se há ou não correspondência com a BNCC, bem como consideraremos em que medida a figura do professor de filosofia potencializa ou não seu ensino.

Palavras-chave: Ulisses; educar pelo exemplo; formação docente, BNCC; ensino de filosofia.

Abstract:

Studies on decolonial philosophy often meet anthropology. For ancient civilizations, the world is endowed with meaning and full of divine interventions. In a certain sense, when we return to Homeric Greece, we can be inspired by a worldview and teachings that deal with the fragility of our human condition and our daily struggle, but above all by the idea of educating by example that allows us to approach and transpositions with the present tense. Therefore, it is on the figure of Ulysses and his wisdom that we will focus our efforts to consider the formative dimensions of the philosophy teacher and whether or not there is a correspondence with the BNCC, as well as considering to what extent the figure of the philosophy teacher enhances or not his teaching.

Keywords: Ulysses; educate by example; teacher training, BNCC; teaching philosophy

¹ Licenciada, Bacharelada e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988). Doutora pelo Programa Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora Assistente II e, atualmente, coordenadora do Curso de Filosofia da UPM. E-mail: angelazamoracilento@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7661577289853176>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3968-6065>.

Introdução

Os estudos sobre a filosofia decolonial em muitos momentos se encontram com a antropologia. Para as antigas civilizações, incluindo a grega, o mundo é dotado de sentido e repleto de intervenções divinas – os voos das aves no céu, determinados sons, sonhos e vozes – são interpretados pelos homens, o mundo neste momento é encantado e pode ser cifrado devido às interpretações que se oferece à determinados homens. No entanto, a efemeridade da vida, o destino de cada evento e de cada homem, em particular, invariavelmente apenas pertence aos deuses, porém é, algumas vezes, revelado. Esta sincronia entre as civilizações do mundo antigo, certamente produziram outros importantes trabalhos.

Em certo sentido, retornar à Grécia homérica, é realizar um recorte de uma visão de mundo e de ensinamentos que podem ser resgatados, pois tratam da nossa condição humana e da nossa luta diária – não estamos em Ílion (Tróia), mas a batalha se sobrepõe em escalas: na existencial, na profissional e na política – sem fim ou trégua, ainda que não percebamos a presença dos deuses (nem a crença neles) e nem tenhamos mais referências tão sólidas. Em tempos em que se discutem o emprego da inteligência artificial na vida e na educação, parece, à primeira vista, um contrassenso trazer à tona as narrativas homéricas – contudo, a incerteza, o temor, o enfrentamento e tombamento até mesmo dos melhores guerreiros diante do desconhecido e do futuro incerto, são os mesmos.

A crueza do mundo antigo revela determinados elementos que não mudaram ao longo da história, embora aquela concepção de mundo em seus valores tenha sido alterada, principalmente após o fenômeno socrático-platônico e toda a tradição metafísica posterior. Encontramos na figura de Ulisses um modo de resgate – os gregos educavam pelo exemplo. Seus heróis eram espelhos vívidos para a conduta e a ação. Atualmente, as fontes de referência estão comprometidas e os valores a serem apropriados, esmaecidos.

Destarte, é na figura de Ulisses e sua sabedoria que centraremos nossos esforços para considerarmos as dimensões formativas do professor de filosofia e se há ou não correspondência com a BNCC, bem como consideraremos em que medida a figura do professor de filosofia potencializa ou não seu ensino.

Ulisses e os episódios narrativos

O que mais nos chama a atenção quando lemos a *Iliáda*, embora todos conheçam muito bem a narrativa, é o modo como Homero a compõe. Se, por um lado, temos a crueza e o detalhamento de cada evento e morte, há a nomeação dos aliados de cada lado, suas virtudes e suas origens – uma narrativa ligeira como se não quisesse perder nenhuma cena e, ao lermos vamos criando imagens em nossa cabeça como a de um filme de ação. De outro, as artimanhas, seduções, pedidos e o poder do feminino² das deusas e mulheres que entram em ação que não podem ser

² No canto 1 da *Iliáda*, encontramos as lágrimas de Aquiles em direção à sua mãe, Tétis, uma titânida, porque Agamenon lhe havia tomado Briseis. Tétis, ouviu sua oração e se dirige ao Olimpo para falar com Zeus. “Tétis não esqueceu o pedido do filho: levantou-se de uma onda do mar e, cedo, pela manhã, ergue-se do alto do céu e ao Olimpo. Encontrou o troante filho de Cronos, separado dos outros, no pico mais alto do alcantilado olimpo. Sentou-se ao seu lado, apertou-lhe os joelhos com a mão esquerda e, tocando-lhe embaixo do queixo com a direita, dirigiu uma súplica a Zeus, filho de Cronos: ‘Pai, Zeus, se jamais, pela palavra ou pela ação, ajudei-te entre os imortais, atende meu desejo: honra meu filho, cujo destino é bem curto. Agamenon, o rei dos homens, ultrajou-o, pois

descartados, pois são os fios que ajudam a tecer a história dos homens ainda que sob o comando final de Zeus. As orações e as lágrimas motivam os deuses em suas intervenções.

A despeito destas primeiras linhas, nossa proposta incide em iluminarmos a figura de Ulisses para resgatarmos alguns traços de seu caráter como pessoa, como um grande estrategista, aquele que sabe articular teoria e prática e que executa suas ações com determinadas finalidades.

Em nossa transposição, Ulisses demarca os traços de personalidade de um verdadeiro líder que apresenta as competências de comunicação, criatividade, planejamento, relacionamento e comprometimento que atravessaram milênios e que podem ser apropriados pelo professor. É a sabedoria de Ulisses que corrobora para a vitória dos aqueus, com todas as virtudes da areté grega, mesmo que seu maior desejo fosse realmente voltar para casa e para os braços de Penélope. Estes traços não podem ser compreendidos de maneira estanque, antes compõe um todo que, estarão separados meramente por uma questão didática, a fim de fazermos surgir um modelo de homem que possa nos inspirar nas batalhas diárias de nossa própria Tróia, sem, contudo, esgotá-los. Antecipamos que as habilidades e competências do professor promulgadas pela BNCC estarão sempre aquém das milenares narrativas homéricas.

As qualidades de Ulisses

Ulisses, rei de Ítaca, é filho de Laerte e Anticléia. Do lado paterno, seu avô, Arcísio era filho de Zeus e de Euriodia. Do lado materno, seu bisavô não era outro senão Hermes: mensageiro dos deuses, mas também o deus das encruzilhadas, patrono dos professores e advogados, daqueles que se valem do dom da retórica e da astúcia. Ulisses não poderia ser diferente – dotado de uma inteligência exuberante, determinação e coragem, repleto de malícia e habilidades. Educado pelo centauro Quirón, desde muito cedo iniciou suas aventuras. Mordido por um javali no joelho, será mais tarde reconhecido pela sua cicatriz no joelho quando de seu regresso da guerra de Tróia. Ulisses também foi pretendente à mão de Helena, contudo esta escolhe Menelau e o herói acaba se casando com sua prima, Penélope e tiveram um filho chamado Telêmaco. Mais tarde, quando do rapto de Helena por Páris, foi obrigado a participar da guerra devido ao juramento que todos os pretendentes prestaram quando Helena tivera a opção de escolher seu marido. Ulisses tentou fugir de todas as maneiras possíveis de seu compromisso, inclusive fingindo-se de louco.

tomou sua presa de guerra e com ela ficou tendo-a arrebatado. Vinga-o, Zeus Olímpico, conselheiro. Torna os troianos poderosos até que os aqueus reverenciem meu filho e lhe tribuem as honras devidas.” Assim falou, mas Zeus, o ajuntador de nuvens não lhe respondeu e guardou silêncio durante muito tempo. Tétis tornou a apertar-lhe os joelhos, tornou a abraçá-lo e mais uma vez implorou. [...] ‘Afasta-te, agora, para que Hera não te veja. Tratarei de levar adiante tais coisas. Vem, inclinarei a cabeça para que possas confiar em mim, pois este é o maior compromisso que assumo mesmo entre os imortais. Não posso recuar, nem trair, nem deixar de cumprir o compromisso que confirmo deste modo”, respondeu-lhe Zeus. (Homero, 2005, p. 17)

Outro exemplo, no canto XIV da Ilíada, ao pensarmos no destino, também vemos Palas Atená e Hera a confabularem uma estratégia para que os aqueus tomem um fôlego diante do massacre dos troianos. Assim, Afrodite entrega alguns adornos a Hera que - arditosamente também engana Afrodite que torcia pelos troianos - para que fique mais bonita e irresistível, a ponto de fazer com que Zeus se esqueça da Guerra. Ela, habilmente, se dirige ao Monte Ida, com a desculpa de que vai visitar Oceano e Tétis que estavam brigados, a fim de provocar a reconciliação. Zeus, ao vê-la, se admira. (Homero, 2005, p.154-155)

A primeira virtude de Ulisses que podemos destacar aqui é que o herói participa da primeira e da segunda embaixadas a Tróia, na tentativa de resolver a questão pacificamente. A guerra, para o herói, é o último recurso. Em vários momentos da *Ilíada*, encontraremos os seus **dons retóricos**.

Mas quando se levantava Ulisses de mil ardis, ficava em pé com os olhos pregados no chão, sem mover o cetro para trás ou para a frente, mas segurava-o, hirto, como quem nada compreendia: dirias que era um palerma, alguém sem inteligência. Mas quando do peito emitia a sua voz poderosa, suas palavras como flocos de neve em dia de inverno, então outro mortal não havia que rivalizasse com Ulisses. E já não nos espantávamos com o aspecto de Ulisses (Homero, 2009, p. 13).

A segunda grande virtude de Ulisses são seus **infinitos ardis**. É o rei de Ítaca quem vai procurar Aquiles para que este entre na guerra - não foi fácil - Tétis, a mãe de Aquiles, havia o escondido na “corte de Licomedes, na ilha de Ciro, onde o herói passou a viver como uma linda donzela ‘ruiva’ no meio das filhas do rei, com o nome falso de Pirra. Disfarçado de mercador, o astuto Ulisses conseguiu penetrar no gineceu do palácio de Licomedes. As moças logo se interessaram pelos tecidos e adornos, mas Pirra, a ‘ruiva’, “tendo voltado exclusivamente sua atenção para as armas, Ulisses pode identificá-lo com facilidade e conduzi-lo para a armada aquéia” (Brandão, 1987, p. 294).

Posteriormente, Ulisses também se veste de mendigo, após pedir para ser chicoteado até não se tornar reconhecível para que pudesse chegar à Helena que, nesta altura já estava casada com o irmão de mais novo de Páris. Ele procura convencê-la a trair os troianos. Ele cumpre sua missão, mas é denunciado por ela à Hécuba. O herói retorna ao acampamento ileso, graças às suas muitas artimanhas retóricas.

Podemos nomear a terceira virtude de Ulisses como aquele que **sabe decifrar os signos**. Por exemplo, é ele quem sabe interpretar corretamente o oráculo - mais uma de suas muitas habilidades. Teléfo, fora ferido na coxa por Aquiles e padecia de dores porque a ferida não cicatrizava. A predição do oráculo dizia que “o filho do rei de Misíia seria curado pela lança e não pela mão do filho de Tétis”. (Brandão, 1987). Ulisses coloca um pouco de ferrugem sobre a lança e consegue restabelecer a saúde de Teléfo, colocando-a no fermento.

Ulisses é cauteloso, previdente, embora muitas vezes, devido às circunstâncias não deixe de ser cruel. No canto X da *Ilíada*, Ulisses e Diomedes capturam Dólón que pretendia espionar o campo dos aqueus. Após fazerem-no confessar todas as estratégias adotadas pelos troianos e os locais onde se encontravam os reforços, Ulisses mata Dólón. Penetram à noite no acampamento inimigo: matam Reso, um grande herói trácio e ainda lhe roubam os cavalos brancos, “rápidos como o vento”.

Ulisses salva Helena, escondendo-a até que a ira dos aqueus e do próprio Menelau fosse amainada quando da invasão à Tróia, porém lança o pequeno Astianax, filho de Heitor e Andrômaca, do alto de uma torre: sua proteção ou não se coaduna com seus propósitos. Não encontramos nele, nenhum espontaneísmo. Após a guerra, na tentativa de chegar em casa, não podemos nos esquecer do episódio que envolve o ciclope Polifemo: Ulisses o embebedou com o vinho de Marão que havia levado prova de hospitalidade para os habitantes da ilha desconhecida, depois em conversa com o ciclope prestes a ser devorado, diz que seu nome é Ninguém, e assim que Polifemo adormece cega com uma vara seu único olho.

Polifemo grita para seus irmãos que “Ninguém furou meus olhos”. Estes não lhe deram atenção, considerando-o um louco. Ulisses e seus companheiros conseguem se salvar se escondendo debaixo do ventre dos carneiros. Sua astúcia também o impede de lançar-se ao mar para ouvir o canto das sereias, pedindo para ser amarrado ao mastro do navio enquanto seus companheiros tiveram seus ouvidos cobertos com cera, a conselho de Circe. **Sabedoria também consiste em ouvir conselhos.** Ulisses era protegido de Atená que se postava à sua frente. Ao regressar, procura ficar a par do que está acontecendo em Ítaca, travestindo-se de mendigo, não se dá a conhecer até que a prova do arco, o denuncia. É neste momento que, Ulisses retoma a figura do homem de guerra, ao exterminar os pretendentes e enforcar as criadas que agiram de modo a envergonhar o palácio.

Estas e outras aventuras revelam a trajetória do herói – uma existência repleta de lutas perigosas, aventuras, sofrimentos e uma morte trágica. De certo modo, em menor escala, a trajetória e os feitos de Ulisses nos remetem à figura do professor. O que queremos enfatizar aqui é que acima de tudo, Ulisses é mestre na análise das **relações situacionais**. Expressão empregada por Severino e que discutiremos mais adiante.

Breves apontamentos sobre a BNCC e formação docente

Milênios nos separam da narrativa de Homero – de uma moral guerreiro-cavaleiresca para uma sociedade do consumo, presos à uma economia neoliberal que requer um indivíduo que só pode contar consigo mesmo, já que gradativamente o Estado se isenta de oferecer o devido suporte. Os indivíduos atualmente são motivados a buscarem o sucesso – associado aos ideais utilitaristas, são pragmáticos: bens materiais, conforto e bem-estar. Decorre que, os valores que motivaram aqueles homens não são mais os mesmos – não se busca mais a imortalidade, nem a honra aos antepassados, nem a glorificação de si mesmo pelos seus feitos e atos de bravura – areté - valores que encontraremos na Paideia grega, nem tampouco a educação que formou aqueles homens o é – a educação se tornou um grande segmento de mercado, rentável e altamente lucrativa.

Para isso, é preciso que se reproduza diretamente e indiretamente o *status quo*: o modo como a educação está estruturada hoje deixa entrever sua finalidade – torna-se necessário educar por competências, a fim de alimentar um sistema cada vez mais competitivo. A BNCC deixa clara esta intencionalidade. Os grandes conglomerados dos grupos educacionais não compreendem o sentido de *Bildung*, apenas pretendem transpor para a escola os mesmos métodos organizacionais, facilitando por meio da escola, a reprodução dos valores que pretendem incutir.

Fávero, Centenaro e Bukowski afirmam que ao analisarem os processos de elaboração e de implantação da BNCC, constataram as grandes contradições entre o discurso e o que se efetiva na prática – a desconsideração das diferenças regionais e culturais, o desprezo pelo trabalho intelectual do professor e as tentativas progressivas de seu monitoramento:

Assim, a retórica reforça que a BNCC é uma base de direitos que contempla um texto plural e contemporâneo, constituído de forma democrática e colaborativa. Porém, ao delinear o processo de elaboração e implementação, identificamos uma verticalização e uma centralização, pois a Base se constituiu por meio de um plano de orientação e monitoramento. A partir desse viés, salientamos que, ao desconsiderar as necessidades, peculiaridades e dificuldades contextuais das escolas, além de desvalorizar o docente como profissional intelectual e induzir

uma padronização no processo formativo, a Base não condiz com os argumentos delineados pelos autores que justificam a sua pertinência (Fávero; Centenaro; Bukowski, 2022, p. 1691).

Estas contradições devem ser apreciadas quando se trata de uma análise sobre a BNCC e devem ser tomadas em relação de complementariedade quando se trata do ensino de filosofia à luz de algumas ideias-chaves que extraímos do artigo de André La Salvia e Osvaldo Cunha Neto – *O que pode o ensino de Filosofia na BNCC?* Em primeiro lugar, a filosofia, embora sirva de pressuposto à confecção do documento, os autores nos alertam sobre a construção do currículo e dos itinerários formativos:

O texto da BNCC propõe diretrizes comuns para a construção de currículos diversos. Sendo assim não inclui, e nem exclui, as disciplinas no ensino médio, pois se limita a instituir competências e habilidades que serão materializadas em diversos currículos nas redes e escolas. Deixando, assim, para as redes públicas e as escolas as decisões acerca das disciplinas (La Salvia; Cunha Neto, 2021, p. 3).

Neste sentido, os autores enfatizam a importância do engajamento dos professores de filosofia que, da mesma maneira que os soldados aqueus ou troianos com suas “sólidas glebas”, defendem incansavelmente seus navios e sua cidade, devem defender o espaço conquistado pela filosofia. Espaço que é, como em qualquer batalha, em que a guerra não se encerrou – provisório que é alvo de contínuos ataques e do desejo de saqueadores.

Mais uma vez fica clara a necessidade de engajamento dos profissionais da área de filosofia para aumentar o seu campo de atuação. Como o conhecimento dos documentos oficiais demonstra, o espaço que será concedido aos professores de filosofia dependerá do quão necessário e conveniente ele se mostrar (La Salvia; Cunha Neto, 2021, p.6).

Ora, será preciso que os próprios professores de filosofia tenham recebido, acima de tudo, durante seu próprio processo formativo a apropriação e a consciência de sua função e responsabilidade social, algo que se torna ainda mais necessário quando se trata do ensino de filosofia. Em outros termos, os próprios professores do curso de graduação devem ser plenamente cientes deste papel e responsabilidade são convidados a educarem pelo exemplo, formando docentes valorosos. Neste paralelo, vale acrescentar que docentes de ‘sólidas glebas’ devem ser forjados por grandes mestres; que nos momentos de batalha possam se lembrar deles, como uma advertência e exortação a se lembrarem de quem são... (“fui aluno de ...”) – como faziam os gregos ao se referirem aos seus ancestrais e seus gloriosos feitos – e do porquê vieram, como faziam os comandantes aos seus soldados na Ilíada. Antes de avançarmos, retomamos mais uma vez, La Sálvia e Cunha Neto: não há, como em qualquer guerra, qualquer estabilidade ou permanência, reiteram que o ensino e o valor da filosofia serão salvaguardados pelos próprios docentes nos respectivos âmbitos de sua atuação profissional na educação básica ou na Universidade.

Desse modo, no nosso entendimento, novamente prevalece a compreensão de que no novo ensino médio não há espaço garantido por lei para as disciplinas como normalmente entendemos, mas sim a construção necessária e constante de justificação de sua presença por parte dos protagonistas envolvidos no ensino de cada disciplina. No caso da filosofia essa necessidade se fará ainda

mais premente por conta de seu passado oscilante enquanto disciplina obrigatória e o constante desprestígio pelo qual passa (La Salvia; Cunha Neto, 2021, p.6).

Ao cotejarmos estas primeiras associações, podemos inferir que os professores de filosofia são herdeiros não apenas da tradição filosófica, mas de todos os grandes mestres que o precederam: que possam lembrar-se deles a qualquer tempo, daqueles ‘comandantes’ que os inspiraram – seja pelo seu caráter, pelas suas habilidades, pelo seu conhecimento e que colaboraram para a construção do seu próprio modo de ser enquanto docentes, pois carregam consigo uma parcela significativa dos mesmos. Por seu turno, Severino corrobora com esta ideia:

No caso da formação para a atividade profissional do educador, ela não pode ser realizada desvinculadamente da formação integral da personalidade humana do educador. Daí a maior complexidade dessa função social, já que ela implica muito mais, em termos de condições pessoais, do que outras profissões, nas quais a atividade técnica do profissional tem uma certa autonomia em relação à sua própria qualificação pessoal (Severino, 2007, p. 122).

Estas primeiras considerações se ampliam e evidenciam os impactos da própria figura do professor, independentemente de sua atuação - na Universidade ou na educação básica, pois é fato que o posicionamento ou não dos docentes frente à qualquer sala de aula, com sua postura e seu engajamento político afeta de modo decisivo o processo formativo de seus alunos. Para tanto, os professores de filosofia deverão incessantemente defender o espaço ocupado, com a clareza do valor da filosofia, afinal é completamente inútil:

A Filosofia é uma ‘ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual’. Ou seja, a Filosofia não serve para nada. [...] Essa pergunta, ‘Para que Filosofia?’, tem a sua razão de ser. Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata (Chauí, 2000, p.10).

Os alunos de hoje questionam sua presença tanto na educação básica quanto no ensino médio, acreditam que deveriam aprender algo que desse lucro ou que lhes possibilitasse algo que pudesse se reverter, posteriormente, em alguma utilidade prática. Portanto, os professores precisam estar munidos desta clareza para que possam exercer seu ofício de modo a demonstrar o valor e significado da filosofia nas dimensões estético-existencial e política da vida.

Neste caso, nenhum professor pode adentrar em uma sala desarmado, sem que tenha planejado de modo cuidadoso e estratégico suas aulas, do mesmo modo como nenhum soldado avança sem capacete, lança e escudo no campo de batalha. Embora muitas vezes preparado, no embate propriamente dito, não há garantias diante do imenso desprestígio que as ciências humanas, e de modo especial, a filosofia atravessa.

Algumas transposições: a figura de Ulisses e as competências do professor, segundo a BNCC

Este trabalho não se destina a discutir sobre os méritos ou deméritos a BNCC, o que nos levaria a outros percursos e reflexões. Também não se destina a

tecer comparativos entre os Parâmetros Curriculares Nacionais com *Orientações Curriculares Nacionais para as Ciências Humanas e suas Tecnologias* (2006) já que é uma situação que está posta. Tem uma proposição singela, porém não menos importante – falar da formação docente à luz da figura do próprio professor, resgatando a figura de Ulisses. Nos tempos homéricos, a educação se dá pelo exemplo. Os jovens para se apropriarem das virtudes e dos valores, recitavam de cor as passagens das obras homéricas. Hoje, as referências de conduta foram esmaecidas, porém não é menor a luta diária que travamos que requer firmeza e coragem. E aqui se justifica a atualidade destes clássicos.

Em linhas gerais na BNCC, encontraremos algumas competências do professor: didática, relacionamento, exigência, domínio da área de conhecimento, experiência de mercado, flexibilidade, criatividade, comunicação, liderança, planejamento, comprometimento e empatia. No entanto, nos parece que a orientação da escrita deste documento se destina ao mercado e à ideia de que o próprio professor é uma microempresa, o que nos afasta totalmente da narrativa homérica. Contudo, muito antes de qualquer redação sobre os documentos norteadores da educação atual, e de modo específico, da redação da BNCC, vamos encontrar em Ulisses estas competências, adequadas ao seu próprio contexto histórico, justamente porque se colocam como virtudes em tempos de guerra, porque se destacam e atravessam a própria história, o que corroboram duas ideias: a primeira, é que a educação grega ainda pode servir de inspiração e de fonte de pesquisa para as mais diversas áreas do conhecimento. A segunda, é que, a figura de Ulisses ultrapassa e atravessa qualquer parâmetro adotado pelos documentos norteadores aqui citados. Também encontraremos em Severino em um texto de 2012, em seu artigo: *Formação Docente: Conhecimento Científico E Saberes Dos Professores*, encontraremos os subsídios que necessitamos para as nossas reflexões. Para Severino, a primeira delas concerne à formação integral da personalidade humana do educador:

No caso da formação para a atividade profissional do educador, ela não pode ser realizada desvinculadamente da formação integral da personalidade humana do educador. Daí a maior complexidade dessa função social, já que ela implica muito mais, em termos de condições pessoais, do que outras profissões, nas quais a atividade técnica do profissional tem uma certa autonomia em relação à sua própria qualificação pessoal (Severino, 2012, p. 122).

Ora, isto significa que cada professor é único e singular em seu modo de ser, contudo a formação da personalidade antecede a do ofício que reverbera na sua atuação em sala de aula. A formação do homem tem suas raízes nas instituições e no contexto social e político. No entanto, durante seu próprio processo formativo, pode potencializar habilidades e competências que se estenderão por toda a sua carreira. Assim, à luz da figura de Ulisses pretendemos ressaltar algumas habilidades que se presentificam na BNCC e sua formação deve ser orientada de modo a torná-lo ciente de sua função e de sua responsabilidade social.

Os Traços de personalidade do Educador e as competências comunicação, liderança, criatividade, planejamento, relacionamento, comprometimento e empatia

Não podemos prescindir das complexas redes que formam os traços de personalidade e dos singulares processos de subjetivação de cada um. Reforçamos acima que o modo de ser de cada um não se encontra dissociado do ofício docente,

pois o professor, diferentemente de outras profissões, não se encontra apenas envolvido com seus alunos, mas comprometido com eles. Além disso, este modo de ser pode ser desvelado, no caso da filosofia, na própria seleção dos conteúdos e nas metodologias utilizadas, bem como nas ações que toma e nos direcionamentos que conduz.

Nos cabe, portanto, articular as competências elencadas na BNCC com o nosso herói homérico. No que concerne à **comunicação**, Ulisses, tem por certo, por ser bisneto de Hermes, o dom da retórica. Vale lembrar que ele participa da primeira e da segunda embaixadas à Tróia na tentativa de resolver a situação pacificamente e por várias vezes, é convocado a falar. Seu tom é convincente e audaz. No ensino cada vez mais fragmentado e segmentado que compõe a matriz curricular do ensino médio pós-reforma, especificamente, e levando-se em consideração que a filosofia, por sua extensão e densidade, exige do professor várias habilidades, o dom da comunicação não pode ser desconsiderado.

Com o restrito espaço que a filosofia ocupa, cada aula deve ser cuidadosamente preparada e a fala, a despeito de todos os outros recursos de que o professor pode se valer, ainda é o instrumento mais eficaz, ainda mais se considerarmos a terrível desigualdade social a que estamos submetidos. Ampliando a habilidade de comunicação, a BNCC incorpora o uso de diferentes linguagens: a visual-motora como a escrita e Libras; a corporal, visual, sonora, bem como as linguagens artísticas e científicas que servirão de ferramentas pelas quais o professor pode se valer com a finalidade que o ensino de filosofia faça sentido. Ora, é imprescindível ao professor saber se comunicar – o tom de voz, o ritmo, a composição das palavras, a clareza da exposição, mas também se valer do corpo – a expressão do rosto, o andar pela sala, contribuem significativamente para a aprendizagem. Cabe ao professor também incorporar em suas aulas espaços de escuta ativa e dialógica.

Os recursos tecnológicos, compreendidos como um certo modo de linguagem, também podem servir como um recurso didático, a variação de estímulo torna a aula atraente. Portanto, ao considerarmos o contexto em que a *Ilíada* foi escrita, Ulisses dispõe dos recursos que a história lhe permite, porém os expande o quanto pode.

No que tange à **liderança**, Ulisses reúne habilidades estratégicas – sabe ser cauteloso, previdente e ardiloso que o tornaram imortal (daquele que é lembrado pelas gerações posteriores). Como vimos na primeira parte, não há uma ação de Ulisses que não seja **intencional**, tudo o que faz – do silêncio à ação, não é sem propósito e geralmente alcança os objetivos a que se propõe. Quando não sabe, está pronto para escutar os conselhos.

Estas mesmas habilidades cabem ao docente no texto da BNCC – liderar, coordenar e conduzir o trabalho coletivo e colaborativo para garantir a qualidade do ensino, a aprendizagem dos estudantes. Para ser líder é preciso se tornar confiável - para tanto, é preciso tempo. A liderança do nosso herói, não é imposta é algo provado ao longo do tempo. Deste mesmo modo, a confiança dos alunos é uma conquista temporal do professor. Além disso, a habilidade de liderar se desdobra em duas advertências: em Ulisses não vemos um ‘espontaneísmo’, todas as ações são intencionais. Do mesmo modo, cada aula deve ser ‘arquitetada’, planejada de acordo com seus objetivos e orquestrada pelo professor. Assim como o nosso herói, a líder motiva e instrui todos os seus e outorga tarefas especiais para alguns. Neste sentido, e aqui a segunda advertência, a intencionalidade não significa falta de criatividade. Ulisses, graças à sua educação pelo centauro Quirón, é capaz de

resolver as situações com alternativas inovadoras. Há, no entanto, um acréscimo - frequentemente Pallas o orienta, o faz mover-se, de modo **criativo**. No que concerne à criatividade, Severino assevera:

Essa criatividade, exigência decorrente da própria natureza da consciência humana, não quer dizer puro espontaneísmo, imaginação descontrolada: ela pressupõe o domínio de métodos e técnicas, a capacidade de utilização de instrumentos objetivos a serviço de finalidades subjetivamente delineadas. Ela é sempre uma abertura de espaço para a intervenção de vivências estéticas, de energias pulsionais, originárias e inovadoras, de intuições diferenciadas que permitem descobertas alternativas, revigorando as próprias atividades epistêmicas (Severino, 2012).

A criatividade, como bem aponta Severino, não está associada ao espontaneísmo, como se se pudéssemos adentrar em uma sala de aula, sem qualquer **planejamento** e intencionalidade. Em Ulisses, a criatividade está associada à astúcia: o episódio com o ciclope Polifemo, bem atesta. Na vida docente, a criatividade também tem o poder de renovar e de promover novas experimentações resignificando o próprio trabalho, renovando seu espírito do professor. O **planejamento** é imprescindível - Ulisses planeja o tempo todo: quando pretende convencer Aquiles a participar da Guerra, veste-se de mercador; finge ser mendigo ou louco, age na calada da noite como espião, conforme o que considera conveniente. Não age de modo aleatório, aí incide sua sabedoria.

Ao relacionarmos esta competência à vida docente e, no caso no ensino de filosofia, planejar se torna um enorme desafio, pois muitas variáveis devem ser consideradas. A BNCC aponta habilidades e competências, contudo elas são insuficientes para abarcar a realidade vivida por cada um. Porém, não é possível permanecer na carreira sem que haja a apropriação do conteúdo específico da área, das metodologias, das linguagens e munido de sensibilidade para compreender e interpretar a realidade sociocultural dos alunos, para descobrir e aprimorar os seus talentos e aptidões. Nas palavras de Severino: “É por isso que, ao lado de subsidiar o futuro educador para apossar-se dos conhecimentos científicos e técnicos, bem como dos processos metodológicos de sua produção” (Severino, 2012, p.125).

Em outros termos, cabe ao professor de filosofia ser dotado de um domínio pedagógico do conteúdo, de maneira excepcional. Antes, como sujeito, deve se tornar sensível para com as singularidades, o que implica em comprometimento e empatia que não está dissociado de sua função e responsabilidade social que discutiremos anteriormente, doando sentido ao fazer docente.

Domínio da área de conhecimento – articulação entre teoria e prática, didática

Planejar significa ao mesmo tempo - ‘perder tempo para ganhar tempo’. Encontramos em Shulman um exemplo que enfatiza as múltiplas dimensões que implicam na docência e dos quais o ensino de filosofia pode se servir. O trabalho que a profa. Nancy executa com seus alunos, corresponde a uma escalada hermenêutica que ganha sentido para os alunos à medida em que avança. Vejamos, como a profa. Nancy, professora de inglês com mais de duas décadas no magistério trabalhava com sua classe do primeiro ano do ensino médio o livro *Moby Dick*³ :

³ Moby Dick (1851) é um romance escrito por Herman Melville que trata sobre uma grande baleia branca cachalote perseguida por muitos caçadores, mas são mortos por ela. Narra a perseguição do

Nancy era uma professora muito ativa, cujo estilo em sala de aula usava uma interação substancial com seus alunos, tanto por meio de leitura em voz alta como por meio de debates abertos. Ela era como um maestro de orquestra sinfônica, fazendo perguntas, testando visões alternativas, estimulando os tímidos e moderando os intempestivos. Não acontecia muita coisa em sala de aula que não passasse por Nancy, cujos comandos e caminhadas, Nancy, cujos comandos e caminhadas, estruturando e expandindo, controlavam o ritmo da vida em sala de aula. Nancy caracterizava seu tratamento da literatura em termos de um modelo teórico geral que ela usava. Basicamente, divido as habilidades de leitura em quatro níveis:

Nível 1 - é simplesmente tradução. [...] É o entendimento do significado literal, denotativo, e muitas vezes, para os alunos, isso significa consultar o dicionário.

Nível 2 - é o significado conotativo e ainda é preciso olhar para as palavras. [...] O que isso quer dizer, o que isso nos diz sobre o personagem? [...] Lemos *A letra escarlata*, de Nathaniel Hawthorne. O autor descreve uma roseira no primeiro capítulo. O nível literal é: o que é uma roseira? Mais importante: o que uma roseira sugere? O que vem à mente, o que você imagina?

Nível 3 - é o nível da interpretação. [...] É o resultado dos níveis 1 e 2. Se o autor está usando um símbolo, o que isso revela sobre sua visão da vida? (...) O Nível 3 seria: o que diz o autor, Herman Melville, sobre a natureza humana? Qual é o resultado disso? O que isso nos diz sobre o personagem?

Nível 4 - é o que chamo de aplicação e avaliação. Quando ensino literatura, tento levar os alunos ao Nível 4 e é aí que eles pegam a literatura e entendem que ela tem um significado para suas vidas. (...) Portanto, minha visão da leitura é basicamente levá-los do significado literal para algum significado na vida deles. Quando ensino literatura, estou sempre trabalhando esses níveis (GUDMUNSDOTTIR, 1988). Essa estrutura aplicada explicitamente aos alunos ao longo do semestre, ajudando-os a empregá-la como uma escada para organizar o estudo individual dos textos, para monitorar os próprios pensamentos. Embora, como professora, mantivesse um controle estrito do discurso em sala de aula, **seus objetivos de ensino visavam a liberar as mentes de seus alunos por meio do letramento, para que pudessem, enfim, usar grandes obras de literatura para iluminar suas próprias vidas.** Qualquer que fosse a obra, ela sabia como organizar, enquadrar o ensino, dividi-lo adequadamente em lições de casa e atividades. Ela parecia ter um índice na cabeça dos livros sobre os quais havia ensinado tantas vezes – *Moby Dick*, *A letra escarlata*, *A glória de um covarde* (de Stephen Crane), *As aventuras de Huckleberry Finn* (de Mark Twain) –, com **episódios-chave organizados em sua mente para diferentes propósitos pedagógicos, diferentes níveis de dificuldade, diferentes tipos de alunos, diferentes temas ou ênfases. Sua combinação de domínio do conteúdo e habilidade pedagógica era deslumbrante** (Shulman, 2014, p.197-198, grifo nosso).

Ao pontuarmos as ideias principais desta citação, encontramos em primeiro lugar, a colocação da professora Nancy em um nível de excelência que foi alcançado pelo domínio do conteúdo de sua área de atuação, pelo planejamento detalhado de cada nível da sequência didática para que a apreensão do livro fosse possível. Do mesmo modo, o planejamento em filosofia deve ser detalhado. O alcance dos níveis superiores denota um 'perder tempo' em sala de aula de modo a acomodar seu planejamento às condições da classe. Estes níveis de compreensão se tornam

marinheiro Ishmael que junto com o Capitão Ahab e o primeiro imediato Starbuck a bordo do baleeiro Pequod pretendem matar a baleia. Traz à tona as descrições do personagem-narrador, suas reflexões pessoais e grandes trechos de não-ficção, sendo uma novidade para a época. O autor entrelaça os relatos reais destes caçadores para compor a obra.

significativos para os alunos quando conseguem compreender que a literatura os ensina para a vida, para a compreensão do comportamento humano e de suas paixões. Neste âmbito, um quesito deve ser acrescido: as habilidades didáticas da profa. Nancy ao trabalhar os episódios-chave no qual desdobrava as questões mais significativas para os alunos. A habilidade didática está em consonância com a articulação entre teoria-prática que culmina na figura de Ulisses que tomamos de empréstimo de um texto de Gerard Lebrun - *O Poder Da Ciência* que enfatiza a dissociação/complementariedade entre teoria e prática:

Para Homero, o que quer dizer 'possuir uma *tecknè*', '*ser technitès*?' É saber proceder, deter o Know-how, isto é, '*ser epistaménos*', ser quem entende [...] Foi 'como conhecedor que tu construístes a tua balsa', dizem a Ulisses. E também: 'acabas de exprimir-se com ciência', isto é, como se fosses um especialista do relato. Esta significação da palavra *téchné* subsiste entre os clássicos do século IV. A palavra não merece, para Platão, conotação pejorativa, é como o equivalente de *theôria*, na medida em que a *theôria* é a garantia suprema do *savoir-faire*. Mas esta *techné-theôria* agora é a atividade que domina a *empeiria*, a rotina do trabalhador manual que cumpre os gestos sem se regular pelo conceito do objeto que fabrica ou do desempenho que executa. Por esta via se instaura uma dicotomia fundamental que vai alimentar [...] a separação entre o 'sábio' e o executante (trabalhador manual ou engenheiro dedicado ao 'ofício mecânico'). Isso é bem conhecido (Lebrun, 1977, p. 45).

Lebrun nos conta que Ulisses é o sábio em Homero porque ele sabe: detém a teoria e sabe como fazer – ele mesmo construiu seu barco, de modo que este procedimento, nele, é indissociável. De certo modo, as tentativas contemporâneas buscam reencontrar este ideal que tinha em Ulisses sua representação – Ser e saber-fazer. Lebrun explica que tal texto apresenta uma 'admirável ambiguidade': de um lado, a supremacia da teoria e, de outro, a limitação de seu poder, pois é o '*technitès*' (o sábio) quem detém o segredo do saber-fazer. "É a experiência que precede e possibilita a arte" (Lebrun, 1977, p. 46).

A ciência e a arte resultam, no homem, da experiência. Com efeito, foi a experiência que produziu a arte..., a inexperiência o sucesso por acaso. Nasce uma arte quando, do acúmulo das percepções da experiência, resulta um conceito universal relativo ao mesmo objeto. Com efeito, formar o conceito de que tal remédio convém a Callias que sofre de tal doença, tal outro a Sócrates..., é próprio da experiência; formar o conceito que tal remédio convém a todos os indivíduos de mesma espécie que foram destacados numa mesma categoria como sofrendo de uma mesma doença... é próprio da arte. Agora, quanto à prática, parece não haver nenhuma diferença entre experiência e arte; mais até: vê-se que os médicos empíricos têm mais êxito do que só os outros que dispõem da doutrina sem a experiência. A causa é que a experiência é o conhecimento dos casos particulares, a arte, o conhecimento do geral, e que ações e produções sempre são relativas ao particular... Se, portanto, um médico se atém ao conhecimento do universal sem conhecer, neste universal, os casos particulares que se lhe vinculam, cometerá muitos erros no tratamento [...] a habilidade sempre decorre do saber: e isso porque uns conhecem a causa, outros não. Daí se infere que em todo o ofício honramos mais os mestres-de-obras e consideramos que sabem mais e são mais hábeis que os trabalhadores manuais porque sabem a causa do que é feito (Lebrun *apud* Aristóteles, 1977, p. 46).

Lebrun explica que é preciso que os 'empíricos' tenham tratado de muitos Callias e de muitos Sócrates para que o médico-teórico possa elaborar uma teoria e que mesmo depois, é preciso saber tratar os casos particulares, o que designa que o

saber do sábio se está acima do prático, torna-se equívoca, pois “o saber investe-se apenas até um certo ponto na prática e na produção” (Lebrun, 1977, p. 46)

Se pudermos transpor estas ideias da *Metafísica* de Aristóteles, (nó que só será resolvido na filosofia da ciência moderna, com Bacon e Kant) para a educação, podemos inferir que – o primado da teoria sobre a prática desde Platão tornou secundários os saberes a esta concernentes. Neste sentido, Aristóteles se opõe ao mestre ao resgatar o valor da empiria para que nasça a teoria. Ao retomarmos cuidadosamente a transposição da passagem da *Metafísica* para as questões da educação, podemos a excelência decorre da experiência que se sedimenta em teoria. Por seu turno, a teoria deve também contemplar os casos particulares – só o sábio consegue distinguir os detalhes dos sintomas de doenças diferentes, mas que, no geral, parecem ser a mesma, por exemplo.

Para Além da BNCC, Ulisses

A figura de Ulisses não se enquadra nas normativas e códigos das competências que envolvem a BNCC. Se situa para além deles. Não podemos deixar de mencionar que apesar de nosso esforço em articular nosso herói àquelas competências, as ultrapassa sem medida. Para finalizar nosso trabalho, vamos apontar duas delas. Ulisses é mestre em **interpretar signos**. Ora, mas o que é um signo? Deleuze nos dá uma pista em sua obra – *Proust e os Signos*.

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja ‘egiptólogo’ de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (Deleuze, 1987, p. 4)

Para Ulisses, bisneto de Hermes, decifrar os signos - as mensagens criptografadas do oráculo, como fez com o fermento de Teófilo, por exemplo, fez parte de sua aprendizagem com Quirón. Ao tecermos esta transposição para a vida docente, podemos considerar que o bom professor é aquele que considera cada aluno e cada sala de aula como um signo que merece e precisa ser decifrado para que, por meio das mãos habilidosas do professor, estes talentos e aptidões possam ser exponenciados. Um segundo ponto que não se esgota nas extrações que realizamos da *Ilíada* e *Odisseia* é que Ulisses é mestre na arte de analisar **relações situacionais**: ao salvar Helena da ira dos aqueus quando da queda de Tróia; de sugar as informações necessárias de Dólón para matá-lo em seguida; na percepção diária da iminência do perigo; das relações de poder; das intrigas entre Agamenon e Aquiles; na escolha entre intimidar ou incentivar determinados discursos e ações, Ulisses compreende cada momento em sua circunstancialidade e configuração de forças e, para além delas, é capaz de prospectar os impactos.

Para esta transposição, Severino explicita: “é preciso garantir ainda que ele perceba aquilo que se pode designar como as **relações situacionais**, de modo a dar conta das intrincadas redes da vida objetiva no seio da realidade social e da vida subjetiva de sua realidade pessoal, pois só a partir daí poderá apreender o significado e as reais condições do exercício de seu trabalho” (Severino, 2012, p. 125). A sensibilidade do professor requer a percepção das relações e configurações

de força que se colocam no dia a dia da sala de aula como um recorte pontual da realidade social no qual está inserido.

Ao retomarmos o propósito de nosso texto, isto é, no que tange ao processo formativo do professor, Severino acrescenta: é preciso que o curso de graduação ofereça a “mediação eficaz do desenvolvimento no aluno da necessária sensibilidade ao contexto sociocultural em que se dará sua atividade de professor.” (Severino, 2012). Os cursos de graduação, e de modo especial, os de filosofia, devem estar voltados para o aprimoramento das habilidades que foram iluminadas pela figura de Ulisses – que a filosofia não deve ser meramente erudição, mas não deve prescindir dela; que a filosofia é para a vida e para ação: que por meio do conteúdo apreendido e de seu ensino hermenêutico, por meio das experiências de estágio e das práticas, possam permitir aos licenciandos e de seus futuros alunos, a busca e o exercício de sua cidadania para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações finais

Nosso artigo teve por objetivo resgatar e iluminar a sabedoria de Ulisses como fonte de inspiração para a formação docente. Certamente, vários desdobramentos, vertentes e relações extrapolam os limites deste trabalho que empreende grande complexidade. À primeira vista, parece ser muito fácil ser professor, o que nos leva a um ledor engano, exige anos de formação por um corpo docente que, por sua vez, deve ser altamente qualificado, comprometido e engajado com um projeto de nação, que prioriza e corrobora com a transformação individual e coletiva, oferecendo as condições de possibilidade para que se estabeleçam valores dignificantes. Diferentemente da narrativa homérica, os valores utilitários e pragmáticos são os motores da sociedade atual que, ao fim e ao cabo, servem de engrenagens para a máquina econômica, servindo aos investidores do capital. As transposições que pretendemos explicitar aqui não dão conta desta temática, realizando apenas parcialmente seus objetivos. Ulisses nos provoca admiração por sua personalidade, por sua educação diferenciada que é a cada momento exponenciada em suas ações. Ele é o exemplo de um verdadeiro mestre em suas habilidades e nos convida, de certo modo, a nos inspirarmos em sua coragem, em seu comprometimento, na articulação entre teoria e prática para que nós, docentes, venhamos a nos desvencilharmos dele, posteriormente, para sermos o mestre de nós mesmos.

Referências

BRANDÃO, Junito De Souza. **Mitologia Grega e Latina**. Vol. III. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FÁVERO, Altair Alberto; CENTENARO, Bufon Junior; BUKOWSKI, Chaiane. Uma revolução controlada? A BNCC como política de centralização. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 19, n. 4. out./dez. 2021.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2009.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2018.

LA SALVIA, André Luis; CUNHA NETO, Osvaldo. O que pode o ensino de filosofia na BNCC? **Revista Digital de Ensino de Filosofia**, v. 7, 2021.

LEBRUN, Gerard. *O Poder da Ciência*. **Revista Ensaios de Opinião**, v. 5, 1977.

MELVILLE, Herman. **Moby Dicky**. São Paulo: Abril Cultural, 2012.

SEVERINO, Joaquim Antonio. Formação docente: conhecimento científico e saberes dos professores. **Revista Arius: Revista de Ciências Humanas e Artes**, v. 13, n. 2, jul./dez., 2007.

SHULMAN, Lee. Conhecimento e Ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 196-229, dez. 2001.

Recebido em: 03/2024
Aprovado em: 05/2024